

O DETERMINANTE POLÍTICO EM IMAGENS DO COTIDIANO: O OLHAR DO ESPECTADOR NA BUSCA PELA COMPLETUDE IMAGINÁRIA DO CORPO

Anderson de Carvalho Pereira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: A partir da perspectiva de imaginário político de Haroche e da noção de estádio do espelho em Lacan, o artigo mostra a análise de duas imagens do Brasil contemporâneo que circularam em ambientes virtuais. A primeira perspectiva aponta algumas reflexões sobre os contingentes históricos da construção do olhar no espaço público; a segunda trata do lugar do olhar do Outro como constituinte da unidade imaginária do corpo. Essas questões foram discutidas em termos da análise de imagens do cotidiano político brasileiro em que dois acontecimentos recentes, a saber: as manifestações de rua de 2013, em parte conduzidas pelos grupos *blackblocks* e a suspeita de corrupção na Petrobras em torno do ex-dirigente Nestor Cerveró. Estas imagens foram analisadas e apontam para um lugar de evidência semântica e ideológica resguardado aos intérpretes dos enunciados. Trata-se de analisar uma lacuna a ser preenchida pela demanda da unidade imaginária afetada pela unidade imaginária do corpo.

Palavras-chave: Análise do Discurso, corpo, cotidiano, determinante político, imaginário.

Résumé: Le déterminant politique chez images du quotidien : le regard du spectateur guidant par la completude imaginaire du corps A partir de la perspective du imaginaire politique chez Haroche et du concept du stade du miroir chez Lacan, cet article montre l'analyse de deux images du Brésil contemporain qui ont été divulgué par les médias virtuelles. La première perspective signale un débat sur les contingences historiques de la construction du regard au niveau de l'espace public ; la deuxième aborde la place du regard de l'Autre au sens d'une unité imaginaire du corps. Ces questions ont été guidées par l'analyse de quelques images du quotidien politique brésilien remontant à deux événements récents; celles-ci sont: les manifestations de rue de 2013 en partie détenue par les groupes *blackblocks* et la soupçons de corruption chez l'entreprise d'État Petrobras attribué à son ex-directeur Nestor Cervero. Ces images ont été analysés et signalent une place d'évidence sémantique et idéologique à être occupé par les interprètes des énoncés. Il s'agit une écart à être remplacée par la demande de l'unité imaginaire construit selon le modèle de l'unité imaginaire du corps.

Mots-clés: Analyse du Discours, corps, quotidien, déterminant politique, imaginaire.

Introdução

Neste texto, analisamos os determinantes políticos e ideológicos de duas imagens que retratam acontecimentos contemporâneos. Trata-se de acontecimentos diferentes, mas ambos ocorridos nos últimos anos no Brasil. O que aproxima e marca distância entre ambos? Qual sua natureza política e sua marca discursiva atrelada a esta?

Guiando – nos por estas perguntar, chamou-nos a atenção o fato de que o lugar atribuído ao olhar do espectador é o do lugar de um testemunho, de alguém que compactua com o que está sendo demandado como lugar de intérprete dos enunciados em questão. Ocorre que não se trata de qualquer testemunho.

Trata-se da análise do olhar disperso no cotidiano, em imagens “perdidas” no entremeio da profusão de informações, de notícias banais e de acontecimentos políticos de natureza vária e que tomam alcances diversos a depender de como e por quem são interpretados. Em primeiro lugar, para analisar que olhar é este, enquadrado em uma grade interpretativa determinada é necessário investigar as condições de produção dessas interpretações, que parecem brotar do aparente anonimato para veicularem enunciados caros à contemporaneidade.

É, portanto, debruçar-se sobre a análise do homem ordinário e comum, que estranho à própria solidão no individualismo a que foi lançado se autoexamina e nos permite analisá-lo como leitura análoga à caça, análoga à leitura do sintoma na Psicanálise (CERTEAU, 2001).

Esta concepção de interpretação aparece incorporada na redefinição que Pêcheux (1997) anunciava acerca do debate em torno do acontecimento discursivo, em que o autor aponta para uma “saída” ao império da noção de assujeitamento discursivo em uma estrutura “interna” da linguagem, que àquela época ainda reforçava dicotomias e, em meio ao Marxismo, a Psicanálise e os debates das teorias do discurso, era reprodutor dos ditames da ciência régia.

O gesto interpretativo do cotidiano como acontecimento é uma força de autocrítica e de crítica aos modelos restritos apenas à descrição dos arranjos textuais. De outro modo, a interpretação aquece o acontecimento em seu determinante político (PÊCHEUX, 1997). É por meio deste pressuposto que as imagens aqui interpretadas são tomadas como acontecimentos do cotidiano; absorvidas em parte pela simbolização da memória e revelando furos interpretativos do que recobre o real sócio-histórico (PÊCHEUX, 1997, 1999).

Pela Psicanálise, sabemos que o testemunho do Outro é primordial para a passagem pelo estágio do espelho, dentro de uma base conceitual em que o prisma especular é tomado de maneira metafórica por Lacan para tratar da passagem pela lei simbólica e pela determinação do imaginário ao sujeito (LACAN, 1949/1966/1998). No caso analisado, pede-se do espectador que ele compactue com o que é pedido do Outro. Temos outra questão cara à Psicanálise: o pacto simbólico. Antes do aprofundamento nestas questões, vejamos:

RESULTADO DE PLÁSTICA EM NESTOR CEVERÓ

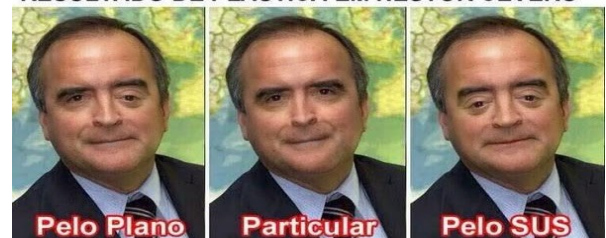


Figura 1

<http://vindodospampas.blogspot.com.br/2015/01/resultado-de-plastica-em-nestor-cervero.html>. Acesso em 31/8/2015.



Figura 2

http://chebolas.blogspot.com.br/2013/10/charge-foto-e-frase-do-dia_31.html. Acesso em 31/8/2015.

No caso de ambas, chama a atenção uma rede de enunciados que as atravessa, pelo olhar; o “olhar” a ser “corrigido” pelo espectador em diálogo com as evidências acerca dos serviços de saúde, bem como o olhar dirigido ao rapaz com “traje” de blackblock (o que incluiria rosto coberto, conforme imagens veiculadas pela grande mídia) e que olha a pedra com a lendária frase cartesiana “penso, logo existo” parafraseada em “quebro, logo existo”.

Vamos primeiro traçar uma panorama sobre esta determinação histórica do olhar. Em seguida, vamos mobilizar alguns conceitos de base psicanalítica para analisar este efeito de completude demandado do interlocutor.

O olhar é um enunciado determinado pela História

Temos no *corpus* acima alguns enunciados se entrecruzando, no sentido foucaultiano. Não se trata de qualquer figura pública, nem de qualquer dizer sobre o ato de qualquer grupo, seja por se tratar de um ex-funcionário do alto escalão da Petrobras (investigado pela Polícia Federal), o que aparece também vale para a caricatura de um jovem pertencente a um grupo assinalado socialmente: os *blackblock*.

Para Foucault (1969/2012), os enunciados se consolidam pela possibilidade de repetição e sempre se mostram por redes, isto é, em um campo de possibilidades do dizer, de que resultam as formulações. Os textos remetem uns aos outros e, muitas vezes, alatinam-se em instituições e práticas, e apontam para sua singularidade. A partir disto, Foucault (1969/2012) defende que não é possível saturar a organização e descrição dos arquivos porque, mesmo sem nos darmos conta, é sob suas regras que formulamos algo dizível.

Desta forma, os enunciados – práticas repetíveis e regulamentadas – não devem ser tomados pelo cogito, nem pela descrição de seu suposto despertar de um adormecimento. Nessa perspectiva, os enunciados são

considerados pela forma lacunar, pois, mesmo pretendendo-se plenos, mantêm uma rede de relações. Deste modo, propomos um exercício de se deslocar do olhar centrado no pensamento sobre as figuras retratadas para apontarmos alguns “pontos de fuga” possíveis de serem interpretados conforme o tipo de completude requerida do espectador. Antes disso, traçamos um breve panorama sobre a construção do olhar da forma-sujeito do indivíduo ocidental.

Foucault (1969/2012) aponta que considerar os arquivos destas práticas, portanto, passa por considerar as formas específicas deste acúmulo dos enunciados e suas falhas de performance. Ou ainda, supõe deixar de lado uma suposta origem e considerar o acúmulo dos enunciados, para vê-los como “acontecimento” (no sentido de suas condições de aparição) e como “coisas” (seu campo de utilização). Assim, para Foucault (1969/2012, p. 147): “arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares”. Pêcheux (1997, p. 57), por sua vez, define arquivo como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”, em que sua legibilidade depende da memória discursiva.

Dentro deste campo que rege o que pode ser dito, inclusive dito pelo e a partir do olhar temos que entre a baixa Idade Média e o Renascimento italiano é o olhar de si pelo olhar do outro que compõe um mosaico de modos de ser retratado no cotidiano. É o que Goody (2011, p. 20) afirma:

a pintura de retratos foi parte importante da visão do Renascimento como pai do modernismo, da noção de que ele representa o início do individualismo. Este traço é visto como característico do capitalismo (via o empresário) e é especialmente evidente na pintura, sobre nos retratos (e esculturas) de indivíduos, em particular de leigos.

Goody (2011) retoma Burckhardt (1991) para quem esta valorização do olhar soma-se ao enriquecimento na contemplação e na investigação empírica da natureza de que

resulta em parte o aumento das biografias e na disputa pela marca pessoal de alguns primeiros feitos científicos. É assim que se buscam traços característicos daqueles cujos feitos notáveis e extraordinários apontam que “um senso tão desenvolvido para a individualidade, só pode possuí-lo aquele que se destacou ele próprio de sua coletividade, tornando-se assim um indivíduo” (BURCKHARDT, 1991, p. 242).

Deste modo, o apelo do individual ao destaque da universalidade contribui para formatar o indivíduo; incluem-se as atividades militares e a geometria utilizada na ciência, cujo grau de inspeção passa a ser cada vez mais milimétrico e disciplinado, no contexto do colonialismo de forma que o espaço físico geográfico é estruturado por um campo amplo e “neutro” da cartografia que cada vez mais elimina as rasuras, os vestígios, das trajetórias e itinerários que revelam os embates da História (LIPPE, 2005).

Lippe (2005) explica como as diferentes interpretações sobre o espaço desde a Baixa Idade Média até o Renascimento seguem cada vez são determinadas historicamente; as leis universais e os rituais do fazer científico cada vez mais disciplinam o olhar. É este também o embrião dos parâmetros simétricos que dão base ao debate sobre a harmonia do corpo, a simetria do olhar, a consciência cujo auge vem com o sujeito jurídico de que trata Haroche (1988).

Neste contexto, a introspecção acentuada no século XVIII está em parte aberta à coletividade, no sentido de uma apropriação da vigia em espaço público dos rituais de deferência, bem como do aumento da especulação imaginativa sobre a vida privada do outro (HAROCHE, 1988, 2005).

Haroche (1988) argumenta sobre este campo complexo da relação com o poder disciplinado por meio da explicação de como ocorreu uma separação entre ver e ler; entre verificar e comentar. Trata-se da divisão entre comportamentos observáveis e crenças interiorizadas. É esta cisão que fomenta uma subjetividade inefável, não nomeável, em que o sujeito é objeto do saber empírico. É o que de certa maneira vemos no *corpus* em

questão, a partir do modo pelo qual se pede um olhar empírico, simétrico, regrado e disciplinado por parte do espectador. Assim sendo:

O sujeito em sua opacidade torna-se, então, o sujeito de um saber impossível, até mesmo de uma ignorância necessária. E essa mesma opacidade garante ao sujeito um espaço de liberdade; o caráter indizível e inefável de subjetividade “protege”, efetivamente, o sujeito de uma verdadeira injunção política e jurídica na transparência do “dizer tudo” (HAROCHE, 1988, p. 62)

Como procedimentos, Haroche (1988) lembra o panóptico e a desambigüidade para que o controle sobre a inefabilidade (o que escapa) e a crença na completude conte com a imposição do Estado e da religião e estrangule a dispersão dos saberes não lineares de até meados do século XVIII. Nas palavras da mesma autora:

Nos séculos XVII e XVIII, os progressos das práticas jurídicas na ordem religiosa acarretam paradoxos ligados à individualização e à autonomização aparente do sujeito: estes nascem da expressão de uma vontade dentro da palavra individual, que ao mesmo tempo (o termo aparente permite entendê-lo) acompanha-se de um silenciar do sujeito, isto é, de uma submissão e de uma injunção à palavra (como ao silêncio) da qual o sujeito foi alvo (HAROCHE, 1988, p.66).

A autora ainda explica que o século XVII valoriza a sintaxe, os “bons modos” de colocar os termos da linguagem na ordem, bem como de usar metáforas, incisivas e elipses como um modo de regrar o olhar, o que escrever e dizer, de tentar apagar o que é rastro pelo que estaria em falta em nome da unidade; mas, ora “o sujeito deixa-se entrever precisamente nos excessos, nas ausências, em particular, na elipse e no inciso” (HAROCHE, 1988, p. 75).

Na linha desta disciplina determinada pelas relações do sujeito com o poder individual e universal, Foucault (1995, p. 242) complementa que:

aquilo que se deve compreender por disciplinarização das sociedades, a partir do século XVIII, na Europa não é, sem dúvidas, que os indivíduos que dela fazem parte se tornem cada vez mais obedientes, nem que elas todas comecem a se parecer com casernas, escolas ou prisões; mas que se tentou um ajuste cada vez mais controlado – cada vez mais racional e econômico – entre as atividades produtivas, as redes de comunicação e o jogo das relações de poder.

É paradoxal este mecanismo apontado por Haroche (1988), pois como argumenta a autora, o desejo de interpretar reforça a determinação à submissão ainda mais controlada à palavra. Quer dizer, quanto mais “livre” o sujeito tem a ilusão que para interpretar, mais é delimitado pelo seu próprio uso da palavra.

Estas questões são caras à Psicanálise e à Análise de Discurso. Em se tratando de disciplinas indiciárias, a forma lacunar e indomável da “linguagem do olhar” deixa aberturas que apontam para a incompletude do sujeito. É do que trataremos a seguir, a partir de alguns conceitos dessas duas disciplinas, ao analisarmos o olhar em questão no corpus acima apresentado.

Análise

O imaginário como lugar da dúvida, da hesitação, do vacilo deixa emergir o sujeito dividido em uma rede de interpretações e intérpretes que constitui a noção de subjetividade de base psicanalítica lacaniana (ELIA, 2004). É também aquele que paira nas bases da investigação de Pêcheux (1993, p. 125) sobre sua teoria “sobre a identificação e a base material do imaginário”.

É em grande medida pelo imaginário que circulam as condições de produção dos discursos. A partir de autores como Possenti

(2009) e do próprio Pêcheux (1993), as condições de produção podem ser entendidas pelas regras de produção dos discursos, as estratégias para se interpretá-los como aparentemente equivalentes bem como aqueles procedimentos ocultos e somente em parte desvelados e recuperáveis, por meio dos quais são validados e que indiciam partes do “já dito”, de modo a parecerem originais ou sustentarem determinados efeitos de sentido. Este jogo de aparências é especular.

Interessa-nos mostrar no caso do *corpus* mobilizado um modo destas condições de produção sustentarem uma disciplina do olhar, disciplina esta que converge para uma demanda de completude pautada no olhar do espectador; esta demanda pela completude se fundamenta na ilusão de unidade de sentido como mecanismo ideológico primordial, de tal modo que dialoga com outros lugares do já dito.

Em meio a esta base teórica é fundamental resgatar a contribuição de Lacan acerca do conceito de imaginário. Em Conferência de 1953, denominada “O simbólico, o imaginário e o real”, Lacan (1953) aborda a interface da Psicanálise com a Etologia. A relação entre a corte dos animais e a imagem em que defende que o símbolo porta uma imagem que serve de referência para ação coletiva e que designa que a ação coletiva se organiza como linguagem.

Enquanto entre outros animais, há uma busca dual pelo objeto de satisfação, para animal humano, esta relação é triádica. É possível satisfação pelo alvo parcial da pulsão, designado pelo valor simbólico (designação do Outro), de modo que o símbolo é mantido na presença/ausência da imagem. Mas, qual seria a relação entre imagem e estádio do espelho? Por isso que Lacan (1953) fala que a *mimesis* no homem não pode ser reduzida a uma lei suprema da adaptação, pois é interceptada por uma linguagem de símbolos.

Deste modo, o “eu” é constituído por um conjunto de posições a partir de enunciados do dizível pelo outro (em função da relação estabelecida com o Outro) sobre si mesmo. Deste modo, o símbolo liga uma particularidade à Lei (rede familiar, estrutura). E a imagem faz a ligação do Eu à imagem na qual se reconhece pelo Outro (posição, lugar). O imaginário é este lugar em que desembocam imagens somadas aos enunciados que designam um lugar (AULAGINER, 1979).

Portanto, para Lacan (1949/1966/1998) a questão da constituição especular segue o itinerário que vai do plano do “moi” (somente nos reconhecemos nos assujeitando) à unidade do sujeito. Em grande parte alienado de si mesmo, portanto, ele emerge no imaginário não escapando deste paradoxo do assujeitamento que o designa para e pelo Outro. Por isso, no estádio do espelho, temos uma oposição ao Cogito. É que a imagem reduplicada e capturada por um palco, uma cena permite criticar as concepções de “eu” centradas na percepção-consciência; proposta do valor estrutural do desconhecimento. Nas palavras de Lacan (1949/1966/1998, p. 97), temos:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de infans parecer-nos-á, pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] s precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito (p. 97).

O “eu” é ficcional e determinado por várias demarcações dialéticas, bem como aparece diante do drama da dúvida, da incerteza, do vacilo, da hesitação que muitas vezes aparece nas atitudes aparentemente mais concretas. Trata-se de um nó com o debate sobre o valor simbólico da cultura em que a Psicanálise reconhece o sujeito a serviço deste registro que lhe ilude da segurança de si e o joga nas incertezas de outrem; a saber:

o estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (LACAN, 1949/1966/1998, p.100).

No *corpus* que analisamos, vemos que há efeitos de unidade, desta unidade imaginária voltada à “certeza” da unidade, do começo e do fim, de um percurso e um caminho do olhar, mas que pedem do espectador caminhos, itinerários diferentes.

A lógica estabelecida pela paráfrase “quebro, logo existo” que retoma o enunciado “penso, logo existo (ou penso, logo sou; ambas as formas são aceitas)” faz lembrar o modo como Pêcheux (1993) analisa o fortalecimento das evidências semânticas pela aliança entre os efeitos de encaixe e pré-construído e os silogismos.

As condições de produção do enunciado “quebro, logo existo” fazem menção a uma juventude imediatista, que reivindica demandas individuais e individualistas e que, por não estar supostamente atenta às reivindicações coletivas do passado, sai às ruas para depredar, para se pautar em “causas” isoladas da coletividade. Trata-se de indicar um gesto de interpretação em que pedra sobre a qual o homem ocidental está sentado e que faz referência à escultura de Auguste Rodin indica a primazia do verbo “querer”, posto que “quebrar” como designativo da existência anda em conjunto com algo que se quer e não é atendido da maneira como se demanda.

Em meio a esta leitura também podemos resgatar um efeito de sentido alinhado à ocultação de um jargão comumente aceito no campo da literatura de autoajuda (“querer é poder”) e que sinaliza uma forma-sujeito cifrada pela autorreferencialidade; trata-se de um modo de designação de si e do Outro, muito comumente encontrada em um modo da literatura de autoajuda configurar um

campo paradoxal ao sujeito (cf. CHIARETTI, 2013).

O olhar que se demanda do espectador nesta primeira imagem é aquele que busca um pacto de lealdade ao isolamento e à reivindicação individual, em que o pensamento cedeu lugar ao “querer”, ao pedido imediato. Contraditoriamente, o sujeito que “quer algo” (um objeto direto), para lembrarmos a regência deste verbo no português brasileiro, está sentado, parado, sem ação. Talvez porque seja esta a sociedade do espetáculo a ser assistido de longe, de fora, como um telespectador. Talvez também porque estejamos na sociedade da procrastinação, em que os planos futuros, os projetos de vida estão esgarçados por modos de demandar necessidades individuais, como aponta Bauman (2005).

Parado na pedra, o sujeito pede em pensamento o que quer com o corpo. O corpo em ação, paradoxalmente, está parado. É o sujeito também que acometido pela dúvida, posto que constituído pelo imaginário, está estagnado, à espera do que o Outro possa dizer para ele que ele quer. A imagem estagnada contrasta com as manifestações de rua ocorridas no Brasil em junho de 2013 e que em grande parte mostravam jovens em ação pelas ruas das cidades afora. Muitos deles com trajes semelhantes ao da caricatura mostrada.

Na segunda imagem, o olhar do outro (espectador) demanda a evidência de “escolha” de um serviço de saúde por um cliente. A simetria do olho de Cerveró é levada a efeito por uma evidência do serviço mais eficiente ou mais adequado. Isto apaga contradições. É a plástica, que como objeto de consumo, aparece como recurso para reparo no real do corpo.

Mostramos acima de que modo no século XVII se acentua a obturação feita pelo olhar no espaço público que disciplina os rituais, as atitudes e confere unidades de interpretação e sentido ao outro. Na passagem para o século XVIII, a deferência no espaço público pede a veiculação do corpo completo; mesmo que algo escape, a margem para o encaixe em uma interpretação, seja de um texto oral, escrito,

de um uso da língua, ou seja, no corpo da escrita, cujo pano de fundo é o apelo à configuração do corpo simbólico, não depende mais apenas da cabeça do monarca, mas de um corpo individual e reconfigura uma sintaxe do corpo social que Haroche (1988).

Este pedido de reparo, de “conserto” em que se nota também o discurso da normalidade construída pela aliança entre o discurso jurídico e médico (cf. FOUCAULT, 2010) desenha, na segunda imagem, o itinerário em que o olhar capturado do funcionário da Petrobras caminha em direção ao testemunho do olhar do espectador e pede deste o “reparo” tão reconhecidamente construído social e discursivamente por estes determinantes históricos de que tratam Haroche (1988) e Foucault (2010).

Ocorre que o reparo para este corpo desloca os sentidos envolvidos nas condições de produção centradas na figura de um ex-dirigente da Petrobras para entrar em choque com lugares do interdiscurso ligados à distribuição de sentidos sobre os modos de os serviços de saúde no Brasil tratar do corpo dos pacientes.

Em meio a três legendas que sugerem reparo há três tipos de serviço dados como evidente ao leitor em termos de suas falhas, seja pelos excessos, seja pelas faltas e que veiculam indiretamente um parâmetro ideal, um foco por meio do qual é obturada a falha e por meio do qual, por sua vez, essas legendas criam lugares de evidência para o espectador interpretar.

Parece que entre a dispersão de um olhar “errado” para um lado ou para outro, foi colocada uma mira, uma baioneta a partir da qual o espectador encaixa com precisão sua arma interpretativa e consolida um olhar.

Retomemos as legendas: pelo plano (olhar à direita, distorcido por programa de computador); pelo particular (simetria construída por programa de computador); pelo SUS (olhar do ex-funcionário Serveró acometido por deslocamento do aparelho ocular, inclinado à esquerda).

Do ponto de vista do mecanismo ideológico parece evidente que os serviços

particulares de saúde são os melhores; daí a simetria. Ocorre que há um entrecruzamento de olhares e dizeres que aparecem evidentes ao espectador, mas que ao serem interpretados o lançam em uma dúvida. Tal como o mecanismo de constituição especular do imaginário elaborado por Lacan (1949/1966/1998) estas linhas designam pelo menos um lugar, mas não um lugar apenas.

Ocorre que a ideologia faz parecer natural o sentido acima exposto, bem como que a “anormalidade” do senhor Cerveró é equivalente aos serviços do SUS, supostamente falhos, corruptos, e, mobilizando também o atual cenário político partidário, inclinado à esquerda, o que faz parte da “anormalidade” do aparelho ocular do ex-funcionário, ao mesmo tempo indicaria um suposto reparo pelo qual a esquerda deveria passar justamente por ter sido associada recentemente aos caos de suposta corrupção em que Cerveró estaria envolvido.

É este um caminho para interpretar este jogo do cotidiano, entre o que o espectador (não) sabe por meio da aparência de evidência e do ocultamento que firma um lugar de espectador estável semanticamente e que constitui um testemunho e um pacto simbólico. Este mecanismo do desconhecimento provocado pela ideologia não prescinde do imaginário, afirma Pêcheux (1996); é sua condição para em meio ao saber e o não saber, solidificar um olhar.

Considerações finais

Podemos afirmar, portanto, que esta construção do olhar do espectador vista no uso destas duas imagens que tem circulado pela web atualiza as questões sobre uma sintaxe que se aprofundou desde o regime de interpretação do século XVII e XVIII e estabelece um jogo de poder em que o caráter político do imaginário demanda do espectador um reparo, uma obturação para o que “falta” e o que pode ser reparado por uma evidência ideológica.

Referências

- AULAGNIER, P. **Violência da interpretação: do pictograma ao enunciado**. Rio de Janeiro/RJ: Imago. 1979.
- BAUMAN, Z. **Vidas Despedaçadas**. Rio de Janeiro/RJ: Vozes. 2005.
- BURCKHARDT, J. **A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio**. São Paulo/SP: Companhia das Letras. 1991.
- CERTEAU, M. A. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 6ª.ed. Petrópolis/RJ: Vozes. 2001.
- CHIARETTI, P. **Subjetividade e discurso em livros de autoajuda**. 2013. 180f. Tese (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto/SP. 2013.
- FOUCAULT, M. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo/SP: WMF, Martins Fontes. 2010.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 8ª. ed. RJ:Forense.1969/2012.
- GOODY, J. **Renascimentos: um ou muitos?** São Paulo/SP: Ed. da UNESP. 2011.
- HAROCHE, C. “Da anulação à emergência do sujeito: os paradoxos da literalidade no discurso (elementos para uma história do individualismo)”. Tradução de A N de Freitas. In: LANE, S.M.T. **Sujeito e Texto**. EDU. São Paulo/SP: 1988. 61-86.
- LIPPE, R.Z. A geometrização do homem na Europa: época moderna. In.: E. GUIMARÃES; M.R. BRUM-DE-PAULA (orgs.). **Sentido e memória**. Campinas/SP: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2ª.ed. Campinas/SP: UNICAMP, 1993.
- POSSENTI. **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. São Paulo/SP: Parábola. 2009.

Recebido em: 11 de Agosto de 2015.

Aceito em: 27 de Novembro de 2015.